



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

NEWSLETTER

NÚMERO 120
FEVEREIRO 2011



**Património
de Origem Portuguesa**



Goa. Edifício da Administração das Comunidades das Ilhas. © Alice Santiago Faria

4

Todo o Património de Origem Portuguesa

Em três volumes, está reunido e inventariado todo o património de origem portuguesa existente fora da Europa. A obra, coordenada pelo historiador José Mattoso, ficou completa com a edição dos livros dedicados aos continentes asiático e africano, estando já prevista, para breve, a edição inglesa do volume dedicado à América do Sul.



Emílio Rui Vilar entrega o prémio ao representante da Irmandade do Santíssimo Sacramento

9|10

Prémios

A Irmandade do Santíssimo Sacramento recebeu o Prémio Vilalva 2010 pelo trabalho em prol do restauro da Igreja do Sacramento, em Lisboa. A recuperação desta igreja do Chiado foi considerada unanimemente pelo júri um trabalho de “qualidade, realizado num edifício de grande relevância artística”.

Na área do Ambiente, o Galardão Gulbenkian/Oceanário de Lisboa 2010 distinguiu um projecto para a baía de Pemba, em Moçambique, que será levado a cabo pela Universidade de Aveiro e várias instituições moçambicanas. O projecto pretende preservar a riqueza e a biodiversidade marinha da que é considerada a terceira maior baía do mundo e um importante ecossistema.

12

Viagem pelo Cáucaso

O livro escrito por Calouste Sarkis Gulbenkian que relata as suas memórias da viagem pela Transcaucásia, em 1890, foi reeditado em versão *fac-simile* em língua francesa e também editado numa versão inglesa. Paralelamente à apresentação do livro, a Fundação Gulbenkian mostra fotografias das regiões visitadas, mais de um século depois, num trabalho de duas jovens fotógrafas – Pauliana Pimentel e Sandra Rocha –, o qual pode ser visto até 3 de Abril, na sala de exposições temporárias do Museu Gulbenkian.



A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 120.FEVEREIRO.2011 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
Colaboram neste número Ana Barata | Ana Godinho | Cristina Matos Silva | Greta Martins

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX] | REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga [dito e certo] | FOTO DA CAPA Mombaça, Quênia. Forte Jesus. Foto: Rui Ochôa. Acervo: FCG | IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 10 000 exemplares
Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

Um jardim de porcelana

As ligações da ciência com a arte estão bem patentes nos trabalhos de Rob Kessler, que poderão ser vistos de 17 a 19 de Fevereiro, na Fundação Gulbenkian. O artista britânico parte do mundo microscópico das plantas para criar imagens e objectos que celebram a sua beleza mais escondida. Do trabalho feito no Instituto Gulbenkian de Ciência, Kessler criou várias imagens, mas também uma obra para ser impressa em porcelana.



Amadeo de Souza-Cardoso, *A casita clara* paisagem, c. 1915-16

As exposições do CAM em 2011

Ana Vieira abriu o ano no CAM, numa temporada que vai ter vários artistas portugueses em exibição. Além de Miguel Palma e Vítor Pomar, será apresentada a antológica de João Penalva, a partir de Julho e durante todo o Verão.

Performance, instalações, escultura, algum vídeo e fotografias fazem parte da programação do CAM que, em Novembro, apresentará a grande exposição da artista colombiana Doris Salcedo.



Goa Sustentável

Através do TERI – The Energy and Resources Institute, uma das mais prestigiadas instituições académicas indianas, a Fundação Gulbenkian apoia um projecto a ser desenvolvido no mais pequeno estado da União Indiana, Goa. O TERI é liderado por Rajendra Pachauri, presidente do IPCC, o Painel das Nações Unidas para as Alterações Climáticas.

índice

em relevo

4 **Todo o Património de Origem Portuguesa**

a seguir

9 **Prémio Vilalva 2010**

10 **A Fundação Gulbenkian e as redes transnacionais**

11 **Baía de Pemba recebe Galardão Gulbenkian/Oceanário**

12 **Viagem pelo Cáucaso de Calouste S. Gulbenkian**

14 **A Imagem na Ciência e na Arte**

14 **Um jardim de porcelana**

16 **Exposições no CAM**

20 **Piano, ópera e bandonéon no Grande Auditório**

22 **Orquestra interactiva**

23 **Catálogos da Biblioteca de Arte**

24 **breves**

26 **novas edições**

27 **projectos apoiados**

bolseiros gulbenkian

28 **Edgar Mosa**

uma obra

30 **As Exposições de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian**

32 **update**

33 **agenda**



Assilah [Arzila], Marrocos. © Jorge Correia

em relevo

Todo o Património de Origem Portuguesa

Com o lançamento, em Dezembro de 2010, dos novos volumes do Património de Origem Portuguesa no Mundo – que abrangem os continentes asiático e africano –, está completo o vasto projecto de sistematização e inventariação do património de origem portuguesa fora da Europa, empreendido pela Fundação Gulbenkian. No seu conjunto, esta obra permite o acesso a um conhecimento alargado sobre os vestígios arquitectónicos, culturais e históricos, resultantes do intercâmbio cultural dos portugueses com os povos dos diversos continentes.



El Jadida [Mazagão], Marrocos. © João Barros Matos

A preservação do património histórico de origem portuguesa no mundo tem sido uma linha de intervenção permanente da Fundação Calouste Gulbenkian, cuja primeira acção neste âmbito remonta ao final da década de 50, quando financiou integralmente os trabalhos de reabilitação do Forte de Jesus, em Mombaça, construído em 1593. Depois disso, ao longo de várias décadas, a Fundação interveio, directa ou indirectamente, na preservação do património histórico, arquitectónico, artístico e documental de origem portuguesa, espalhado por quatro continentes. Foi assim que, naturalmente, acabou também por assumir, com o projecto **Património de Origem Portuguesa no Mundo. 'Arquitetura e Urbanismo'**, o papel pioneiro da inventariação sistemática do vasto legado de origem portuguesa que se encontra fora da Europa. Dividida em três volumes, dos quais o primeiro, dedicado à **América do Sul**, foi apresentado em Maio de 2010, esta obra apresenta-se agora completa, com o lançamento, no final do ano passado, do volume sobre **África, Mar Vermelho e Golfo Pérsico** e do volume sobre **Ásia e Oceania**.

O historiador José Mattoso, convidado para coordenar todo o projecto, escreve na introdução, comum aos três livros:

“Os autores deste inventário estão persuadidos de que, em termos globais, os vestígios deste encontro de culturas já não pertencem a um só país; pertencem a toda a Humanidade, porque dão testemunho da diversidade cultural e da criatividade humana.” A obra completa resulta de um trabalho de equipa em que se envolveram reconhecidos especialistas, com coordenadores para as diferentes áreas geográficas: Renata Malcher de Araujo para a América do Sul; Filipe Themudo Barata para os países islâmicos do Norte de África e do Golfo Pérsico; José Manuel Fernandes para a África Subsaariana; e Walter Rossa para o Oriente. A coordenação técnica do projecto esteve a cargo de Maria Fernanda Matias, assessora do Serviço Internacional da Fundação, o departamento que tem acompanhado todas as acções relativas ao património português no mundo. Na direcção do projecto, além do historiador José Mattoso, esteve também Mafalda Soares da Cunha, professora universitária e antigo membro da Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos. Além deles, há cerca de 70 autores de entradas, seleccionados de entre os principais especialistas sobre os diversos temas e regiões.



Ilha de Santo Antão, Cabo Verde. Ponta do Sol. © José Manuel Fernandes

UMA IDENTIDADE PRÓPRIA

“Não se pretende registar todos os vestígios de total ou parcial origem portuguesa, mas apenas proceder a um levantamento completo de sítios e monumentos já identificados como tais e que, além disso, possuam relevância suficiente para serem considerados vestígios com uma identidade própria”, sublinha José Mattoso. Por “identidade própria” entenda-se os sítios e monumentos que, pelas suas características, se possam considerar como lugares ou construções com uma certa autonomia e acerca dos quais se conheçam, ou possam vir a conhecer, referências históricas em fontes narrativas ou documentais.

Em cada um dos três volumes que constituem este “dicionário” de sítios e monumentos, como lhe chama o historiador, há um texto introdutório que enquadra histórica e culturalmente as áreas geográficas consideradas. Os lugares ou construções surgem depois listados por ordem alfabética, sendo identificados na actual toponímia mas também na antiga, usadas na documentação portuguesa e na historiografia ultramarina. Esta organização permite a leitura a um público interessado, mas não necessariamente especializado nestas matérias. Por outro lado, esta obra vai permitir aceder a um conhecimento mais alargado sobre as marcas arquitectónicas, culturais e históricas que resultam do cruzamento dos portugueses com povos de continentes tão diversos quanto África ou a Ásia. Para Mafalda Soares da Cunha, a obra tem ainda o potencial de possibilitar “outros níveis de leitura e de estudos sobre as vicissitudes e sentidos históricos do Império português e da sua importância para o património cultural da humanidade”. É como se esta obra fosse “mais do que um ponto de chegada; é um ponto de partida para o desenvolvimento de estudos e conhecimento sobre o lugar de Portugal no mundo”.



Dhaca [Bangladesh]. Igreja do Santo Rosário. © Rui Ochoa. Acervo: FCG

José Mattoso afirma também que “o encontro de culturas, em que os portugueses desempenharam um papel importante, é uma história de luz e de sombra que não deve admitir propósitos apologéticos, sejam eles religiosos, étnicos ou políticos”. Um exemplo claro da aplicação deste critério é a inclusão neste inventário de um monumento como o do Forte de São João Batista de Ajudá, um dos principais entrepostos do comércio da mão-de-obra escrava estabelecido no continente africano. “O seu significado simbólico é muito superior ao seu valor estético”, diz o historiador. Tal como acontece com a Prisão do Tarrafal, em Cabo Verde.

AMÉRICA DO SUL

Recorde-se, antes de mais, que o volume sobre o património de origem portuguesa na **América do Sul** (ver Newsletter Maio 2010) é dedicado quase em exclusivo aos vestígios portugueses no Brasil, mas incluiu a Colónia do Sacramento, no Uruguai. Renata Malcher de Araujo, coordenadora deste volume, lembra que os factos da colonização – um domínio efectivo das diferentes regiões que avançou em épocas e conjunturas diferentes – fazem com que “as próprias diversidades de cunho geográfico obrigassem a estratégias específicas de consolidação do domínio”. O livro está organizado em quatro subáreas: **A Costa** (Este-Nordeste); **O Sul** (Sudeste-Sul); **O Sertão** (Centro-Oeste); e **A Selva** (Norte). “Cada um destes nomes tem a intenção óbvia de referir uma identidade geográfica que tem efectivo suporte no processo de construção territorial. Começou-se a ocupação pela costa, avançou-se para o Sul, depois adentrou-se o sertão e, finalmente, consolidou-se o domínio da selva amazónica”, explica Renata de Araujo.



Macau. Hotel Casino Lisboa. © Fabrizio Croce

ÁFRICA, MAR VERMELHO E GOLFO PÉRSICO

Já o volume sobre **África, Mar Vermelho e Golfo Pérsico** divide-se em duas partes: a primeira agrupa países do Norte de África, Golfo Pérsico e Mar Vermelho, com coordenação do historiador Filipe Themudo Barata; a segunda parte, coordenada pelo arquitecto José Manuel Fernandes, trata a África Subsaariana.

No seu texto introdutório “Os portugueses no mundo islâmico”, Filipe Themudo Barata explica que, ao contrário do que se passou no Brasil, na África Subsaariana e em muitas regiões do Índico, no Norte de África, no Golfo Pérsico e no Mar Vermelho os portugueses nunca conseguiram ultrapassar as muralhas das fortalezas que construíram. “Do outro lado dessas fortalezas, estavam sociedades estruturalmente hostis, assentes num poder que se definia, em primeiro lugar, como islâmico”, escreve o historiador. A par de uma feitoria, os portugueses só conseguiriam permanecer nestas regiões se construíssem espaços bem fortificados. A esmagadora maioria das estruturas arquitectónicas consiste, pois, nas fortalezas e nos sistemas defensivos mais ou menos complexos que as rodeavam e se foram erguendo. Assim se explica que esta parte do inventário possa abranger “sítios tão diversos como Gori, na actual Geórgia, ou Socotorá, na entrada do Mar Vermelho, e as praças marroquinas”. Para além das estruturas fortificadas, o historiador chama também a atenção para “um surpreendente” património português de origem religiosa na região de Omã e do Golfo Pérsico, onde os padres, ordens e missões que circularam e, em alguns casos, aí se estabeleceram tiveram um papel importante na consolidação dos interesses portugueses: “Ao lado do proselitismo religioso, criaram canais de comunicação com os diversos poderes da região, eram uma importante fonte de informação de todo o tipo, serviam



Igreja de Santo António da Polana, Lourenço Marques, Moçambique. © Artur Garrido

de embaixadores e, tantas vezes, tinham um papel essencial na intermediação dos conflitos.”

ÁFRICA SUBSAARIANA: UM LEGADO VARIADO E ABUNDANTE

Ainda no mesmo volume, a segunda parte trata o património de origem portuguesa na África Subsaariana – Cabo Verde, Guiné, Golfo da Guiné, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e África Oriental com a Etiópia –, património esse que, segundo o arquitecto José Manuel Fernandes, “constitui na África meridional e central um conjunto descontínuo e fragmentado”. Duração, diversidade e continuidade são as características que definem esta área geográfica e que conferem aos vestígios urbanísticos e arquitectónicos de influência portuguesa da África Subsaariana um carácter original. Num extenso texto de introdução, “Arquitetura e Urbanismo na África Subsaariana: uma leitura”, José Manuel Fernandes percorre 500 anos – desde o século XV até 1975 – de intervenção portuguesa na África Subsaariana, para falar de um legado variado, abundante, com realizações cujo valor artístico e técnico é apresentado neste inventário. Um legado que, “se foi fortemente marcado por interesses económicos, como toda a actividade humana, como todo o colonialismo europeu, nem por isso deixou de suscitar também uma fecunda troca de bens artísticos e intelectuais, de ideias e de crenças, sem a qual a civilização africana seria certamente mais pobre.”

ÁSIA E OCEANIA

Por último, o volume dedicado à **Ásia e Oceania**, coordenado pelo arquitecto e historiador de arte Walter Rossa, incide sobre “um Oriente com património edificado e urbanístico



Mormugão, Goa. Igreja de São Jacinto. © Walter Rossa

de origem ou influência portuguesa, recortado nas frentes de mar compreendidas entre o meridiano de Diu, o paralelo de Dili e o sítio, bem a norte, de Nagasaki”. Dividido em seis partes, com um enquadramento geral e enquadramentos regionais, a este livro o seu coordenador chama-lhe “uma viagem no presente”.

As primeiras duas partes do volume correspondem a unidades geográfico-territoriais claramente identificáveis no próprio processo histórico e no ordenamento do antigo Estado da Índia (Província do Norte e Goa), a que se segue uma parte que integra três zonas: Costa do Malabar, Costa do Coromandel (Índia Meridional) e Sri Lanka. Os sítios da quarta parte vão desde o Golfo de Bengala até Timor, passando por toda a Insulíndia e Indonésia. Por fim, uma subdivisão onde não se encontra nenhuma região, mas apenas dois sítios: Macau e Nagasaki, extremo noroeste do antigo império.

Apesar do conhecimento sobre a história da presença portuguesa no Oriente ter sofrido um desenvolvimento considerável nas últimas duas a três décadas, muitas das entradas que surgem neste volume são, segundo Walter Rossa, “interrogações, desafios para quem se interesse por investigar, encontrar, perceber, registar e explicar a dimensão do que foi a presença portuguesa no Oriente, o que recebeu e deu para o avanço da civilização”. E, no final do seu texto introdutório, deixa expresso um desejo, certamente partilhado por todos os entusiastas da investigação histórica: “Oxalá este volume se desactualize rapidamente.” ■



Qal'at al Bahrain [Barém]. Fortaleza. © Francisco de Sousa Lobo



Safim, Marrocos. Castelo do Mar. © Mohamed El Faiz

Prémio Vilalva 2010

A Irmandade do Santíssimo Sacramento foi distinguida com o **Prémio Vilalva 2010** pela acção desenvolvida na recuperação e valorização da Igreja do Sacramento, no Chiado, em Lisboa.

Este prémio é atribuído anualmente pela Fundação Gulbenkian, entre vários projectos a concurso e que representam importantes contributos para a defesa do património histórico nacional. O júri, constituído por Dalila Rodrigues, António Lamas, José Pedro Martins Barata, José Sarmiento de Matos e Manuel Costa Cabral, premiou a acção desenvolvida pela **Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja da mesma Soberana Invocação da Cidade de Lisboa** no restauro da Igreja do Sacramento. Esta obra envolveu a recuperação dos tectos da nave e do presbitério, dos vãos dos janelões das paredes laterais da nave e das nove telas do presbitério e do baptistério da igreja. O júri sublinhou “a qualidade do trabalho realizado num edifício de grande relevância artística, valorizado pela inclusão na Baixa de Lisboa”, pretendendo que o prémio constitua um incentivo para a conclusão do restauro da igreja, nomeadamente do seu exterior. O Prémio foi entregue pelo presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, no dia 10 de Janeiro, numa cerimónia realizada na igreja. Na ocasião, Emílio Rui Vilar louvou o trabalho realizado e fez votos para que o Prémio Vilalva ajude à consolidação do que já foi desenvolvido e “que seja o exemplo que outros possam tomar como seu”.

A OBRA

Os tectos da nave e as nove telas do presbitério são de autoria do pintor setecentista Pedro Alexandrino. A Paróquia do Santíssimo Sacramento foi criada em 1584, mas a igreja paroquial só ficou concluída cerca de um século depois. Destruída pelo terramoto de 1755, a actual igreja mantém as paredes-mestras da anterior, sendo a única igreja reconstruída após o terramoto a manter a sua anterior estrutura. Com o incêndio do Chiado, a construção do parque de estacionamento, as obras do Metro e a falta de obras de conservação, a igreja chegou a um estado de pré-ruína. Os trabalhos de recuperação tiveram início em 2007 e foram pagos por várias entidades, além da contribuição dos fiéis que quiseram ajudar a recuperar esta jóia da Calçada do Sacramento.



Tecto recuperado da Igreja do Sacramento © Márcia Lessa

PRÉMIOS ANTERIORES

O primeiro Prémio Vilalva foi atribuído em 2007 ao projecto de **Tratamento e Divulgação da Biblioteca da Casa Sabugosa e São Lourenço**, em Lisboa. No ano seguinte, o Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja foi distinguido pelos projectos **Monumentos Vivos** e **Festival Terras sem Sombra de Música Sacra do Baixo Alentejo**. Em 2009, o galardão foi entregue de novo no Alentejo, à **Recuperação e valorização das ruínas romanas da cidade de Ammaia** (Marvão).

O Prémio Vilalva, no valor de 50 mil euros, foi criado em homenagem ao filantropo Vasco Vilalva e responde à vontade manifestada pela viúva, Maria Tereza Burnay Eugénio de Almeida, de prestar tributo à memória do marido, distinguindo, anualmente, um projecto de intervenção exemplar no âmbito do património (bens móveis e imóveis de valor cultural). ■

A Fundação Gulbenkian e as redes transnacionais

Em Maio, o Centro Europeu de Fundações (EFC) instala-se por três dias em Cascais para realizar a sua Assembleia Geral anual. Ainda sob a presidência de Emilio Rui Vilar, esta Assembleia abordará o tema dos recursos e da sustentabilidade, na perspectiva do nosso recurso mais falado, mas também menos aproveitado, o mar (e os oceanos). De 26 a 28 de Maio, as várias fundações presentes debaterão temas como a Educação para a Cultura, os Objectivos do Milénio, Ambiente e também Filantropia Global. O EFC é uma estrutura criada em 1989 que tem como objectivo construir um sector fundacional Europeu resiliente, marcado pela inovação, dinamismo e cooperação entre os seus membros. Do Centro fazem parte 33 países, maioritariamente europeus, num total de 230 membros. Antes da reunião do EFC, no dia 25, acontecerá o **8.º Encontro de Fundações da CPLP**, centrado no tema do Desenvolvimento e Sustentabilidade. Composto por fundações dos países africanos de língua oficial portuguesa, pelo Brasil e Timor-Leste, os encontros já tiveram lugar em várias cidades da Comunidade e voltam agora a Lisboa, depois do 1.º Encontro realizado em Maio de 2003.

A FILANTROPIA EM PARCERIA



Nos últimos anos, a Fundação Caluste Gulbenkian tem aumentado claramente a sua participação nos *fora* internacionais, marcando uma presença significativa em mais de duas dezenas de redes e organizações inter-

nacionais. Além de exercer a presidência do EFC, desde 2008, Emilio Rui Vilar tem feito da participação internacional da Fundação uma das suas marcas enquanto presidente da instituição. Convicto de que o trabalho em rede é uma forma de aproveitar melhor os instrumentos de que as fundações dispõem, o presidente da Fundação Gulbenkian defende que o trabalho em parceria implica “negociação e um esforço de avaliação” necessários a quem pratica a filantropia. Assim, a Fundação Gulbenkian regista a sua presença em organizações formais como o **EFC** e o **DAFNE** (Donors and

Foundations Networks in Europe), mas também em redes, iniciativas e plataformas que procuram o trabalho conjunto entre fundações.

REDES TRANSNACIONAIS



A Fundação Gulbenkian faz parte de várias redes internacionais com missões bem definidas. Uma delas é a **WINGS** (Worldwide Initiatives for Grantmaker Support), uma rede

mundial, criada no ano 2000, com mais de 140 organizações de apoio a fundações e doadores (inclui também algumas fundações). Tem como objectivo o fortalecimento do movimento da filantropia a nível global, através da partilha de informação, troca de experiências e capacitação e desenvolvimento profissional dos seus membros. A sede da WINGS vai ficar instalada no Brasil.

Outra dessas plataformas em rede é o **NEF** (Network of European Foundations for Innovative Cooperation), que concretiza projectos e/ou iniciativas relacionados com a Europa e o papel da Europa no mundo, através da cooperação *intra* fundações ou entre estas e outras formas de filantropia organizada, entidades empresariais e públicas. O NEF actua como um intermediário, um catalisador para a realização de projectos em parceria entre as fundações.

INICIATIVAS

Uma das mais destacadas iniciativas de que a Fundação Gulbenkian faz parte é a **Global Philanthropy Leadership Initiative** que pretende desenvolver uma agenda para a filantropia global, no sentido de melhorar o seu enquadramento legal e fiscal, aumentar o nível colaborativo da filantropia global, e identificar os momentos políticos e os catalisadores do diálogo com os *policy-makers* e com as organizações multilaterais. A presidência desta iniciativa é ocupada por Emilio Rui Vilar e por William White, da Charles Stewart Mott Foundation. ■



© Carlos Fonseca – Universidade de Aveiro

Baía de Pemba recebe Galardão Gulbenkian/Oceanário

O projecto **Conhecer para Preservar a Biodiversidade Marinha de Pemba (Cabo Delgado/Moçambique). Ordenação Sócio-Ambiental para a Sustentabilidade** é o vencedor do **Galardão Gulbenkian/Oceanário de Lisboa 2010**. O projecto da Universidade de Aveiro e de várias entidades moçambicanas, entre as quais a Universidade do Lúrio, tem por objectivo intervir nas políticas de gestão ambiental, com acções concretas que conduzam à utilização sustentável do espaço costeiro e marinho de Pemba (Cabo Delgado, Moçambique). O projecto quer também promover a qualidade de vida da população que depende desta área, através de um programa intensivo de capacitação de recursos humanos locais que inclui a compatibilização das actividades económicas com a exploração sustentável dos ecossistemas e biodiversidade marinha.

A baía de Pemba, no Norte de Moçambique, é a terceira maior do mundo, alimentada por rios e pelo oceano Índico, constituindo um importante ecossistema. É uma região rica em biodiversidade, embora pouco estudada, e que está seriamente ameaçada pelo crescimento urbano desordenado e pela crescente ocupação turística em termos de

Programa Gulbenkian Ambiente

construções hoteleiras, gerando um quadro de degradação ambiental fortalecido pela inexistência de políticas públicas apropriadas.

A falta de tratamento de esgotos e do lixo, associada à falta de consciência ambiental da população, constitui um grave problema de saúde pública. Nesta edição, o Galardão Gulbenkian/Oceanário de Lisboa, no valor de 100 mil euros, destinava-se a projectos de investigação e desenvolvimento que promovessem a formação de recursos humanos e a criação de práticas institucionais nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) potenciando a gestão sustentável de áreas marinhas de elevado valor, já existentes ou em fase de implementação. A Fundação Calouste Gulbenkian, através do Programa Gulbenkian Ambiente, e o Oceanário de Lisboa querem também contribuir para dar um conteúdo concreto à responsabilidade partilhada que os países desenvolvidos têm para com os países menos desenvolvidos, nomeadamente, no apoio à conservação dos seus habitats e recursos naturais, em particular aplicado aos ecossistemas litorais e marinhos. ■



Sandra Rocha, Azerbaijão. *Caucase – Souvenirs de Voyage*

Viagem pelo Cáucaso de Calouste Sarkis Gulbenkian

*A recente reedição fac-simile da obra de juventude de Calouste Gulbenkian **La Transcaucasie et la Péninsule d'Apchéron – Souvenirs de Voyage**, há muito esgotada, a par da publicação da primeira edição em inglês deste mesmo livro (coordenada por Martin Essayan, bisneto do fundador), vão permitir um novo e mais abrangente acesso a um texto fundamental do fundador.*

As versões francesa e inglesa da obra, escrita em 1891, foram apresentadas e lançadas no final do mês passado no Museu Calouste Gulbenkian, juntamente com o livro de fotografias da autoria de Pauliana Valente Pimentel e Sandra Rocha, **Caucase-Souvenirs de Voyage**, que recria e documenta o itinerário percorrido por Gulbenkian nessa longa viagem.

Escrita com apenas 21 anos, após ter obtido a licenciatura em engenharia no King's College, **La Transcaucasie et la Péninsule d'Apchéron – Souvenirs de Voyage** constitui um documento vivo sobre as terras que Calouste Gulbenkian



Pauliana Valente Pimentel. Campos Petrolíferos. Península de Apserão. Azerbaijão. *Caucase – Souvenirs de Voyage*

visitou, para lá das montanhas do Cáucaso. Nesta viagem, o jovem Gulbenkian observou pela primeira vez os campos de petróleo de Baku e as impressões de cada etapa foram registadas no livro. As suas considerações sobre os campos de petróleo despertaram a atenção de vários responsáveis políticos do seu tempo, passando, apesar da sua juventude, a ser reconhecido como uma autoridade na matéria. Pouco tempo depois, Calouste Gulbenkian tornar-se-ia um dos pioneiros do desenvolvimento petrolífero no Médio Oriente.

Nas palavras de Emílio Rui Vilar, presidente da Fundação, o livro constitui um testemunho eloquente da personalidade do autor, antecipando facetas do seu carácter que se afirmariam ao longo da sua vida: notável financeiro, diplomata, colecionador de arte e filantropo. Ao mesmo tempo, representa um contributo importante para o conhecimento de uma região – que continua a ser foco de controvérsia na

cena internacional – e para a história da indústria do petróleo. Esta obra foi também o ponto de partida de um outro projecto: duas jovens artistas – Pauliana Valente Pimentel e Sandra Rocha –, alunas dos cursos de fotografia do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística, realizaram a mesma viagem pela Transcaucásia, publicando um livro que recria a memória visual desse itinerário, mais de um século depois. Nos seus vários registos de situações quotidianas, na mistura ecléctica de indivíduos e nas diversas paisagens exteriores e interiores, o livro pretende constituir uma homenagem a Calouste Gulbenkian. Segundo as fotógrafas, a emoção desta visita ao Cáucaso não decorreu tanto do reconhecimento das características físicas do lugar, mas sobretudo da percepção da história que habita aquele espaço, neste caso concreto, a história de Calouste Sarkis Gulbenkian. Algumas destas fotografias estão em exposição no Museu Calouste Gulbenkian, até ao dia 3 de Abril. ■

A Imagem na Ciência e na Arte

Última conferência

Functional Images of the Brain: Beauty, Bounty, and beyond é o tema que encerra o ciclo, no dia 2 de Fevereiro, às 18h, no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian. “São poucas as disciplinas que operam mudanças fundamentais a um ritmo tão rápido quanto a ciência e a medicina”, diz Judy Iles, professora de Neurologia e investigadora em Neuroética da Universidade de British Columbia. A sua conferência vai centrar-se nas possibilidades cada vez maiores de se adquirir uma assinatura própria, utilizando as técnicas da neurotecnologia moderna. “Quais são as implicações dos novos avanços na compreensão das pessoas enquanto seres biológicos, para o bem-estar cerebral e para a sociedade?”, pergunta a especialista canadiana. As respostas a estas questões residem “num equilíbrio delicado entre conhecimento, autonomia, valores e privacidade”, segundo Judy Iles, co-fundadora da Comissão Executiva da Neuroethics Society, que também integra. O seu trabalho de investigação baseia-se nos desafios que se colocam a nível ético, legal, social e da definição de políticas, especificamente na intersecção das neurociências com a ética biomédica. Isto inclui estudos sobre a neuroimagem funcional na investigação clínica, estudos sobre a medicina regenerativa, a demência, a dependência, e ainda sobre a comercialização da neurociência cognitiva. O Ciclo de Conferências “A Imagem na Ciência e na Arte” é organizado em colaboração com o Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa. ■



Jardim Porcelânico

Da Ciência à Arte

Um Jardim de porcelana

Inspirado no Ano Internacional da Biodiversidade 2010, a Fundação Calouste Gulbenkian estabeleceu um projecto interdisciplinar e transversal, envolvendo investigação científica, arte e artesanato. O artista britânico Rob Kessler fez uma residência no Instituto Gulbenkian de Ciência, onde, com os investigadores do IGC, explorou o mundo celular e molecular dos seres vivos. Em contrapartida, a portuguesa Gabriela Albergaria foi artista residente no Jardim Botânico de Oxford, onde criou um livro de artista das árvores do jardim e uma instalação no Harcourt Arboretum.

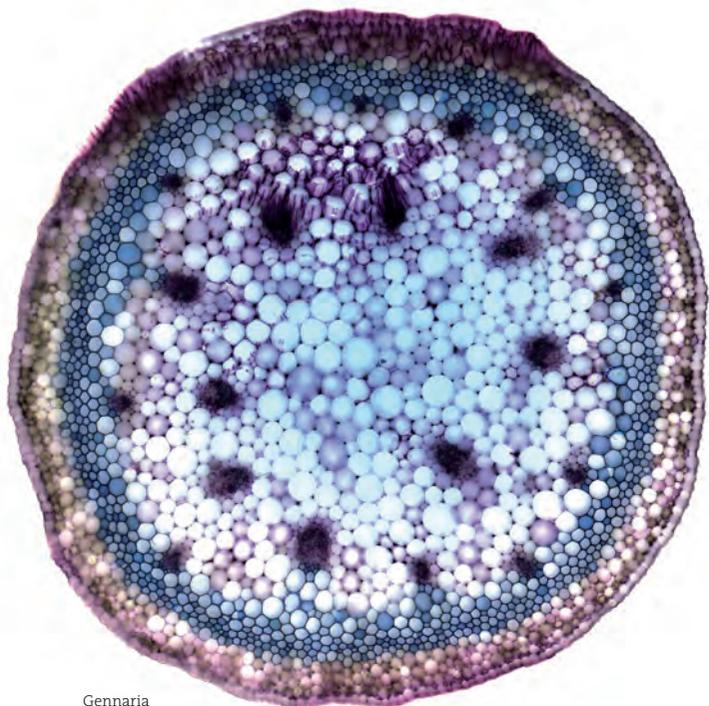
EXCURSÕES FLORAIS

Rob Kessler vive e trabalha em Londres, onde é professor de Cerâmica na escola Central Saint Martins College of Art & Design. O mundo das plantas tem sido uma fonte de inspiração na sua vida e tem sido celebrado na sua obra; e, além das plantas, também a forma como convivemos quotidianamente com elas. Nos últimos dez anos, Rob Kessler tem trabalhado com cientistas do Royal Botanical Gardens, em Kew, nos arredores de Londres, explorando o potencial criativo do mundo microscópico das plantas. O seu trabalho tem revelado padrões e estruturas complexas, geralmente invisíveis a olho nu, criando imagens e objectos que celebram a beleza escondida das plantas.

MORFOGÊNESE

Subjacente ao arranjo delicado das pétalas e das folhas de flores silvestres, existe um outro mundo de padrões, invisível a olho nu, revelado apenas com microscópios potentes, que ampliam e desvendam estruturas celulares complexas e espantosamente pormenorizadas. Em 2010, Rob Kessler trabalhou com cientistas do IGC, recorrendo às técnicas de microscopia disponíveis no Instituto, para examinar as estruturas celulares de flores silvestres portuguesas, incluindo algumas orquídeas raras, que escondem uma variedade assombrosa de padrões e formas.

O processo criativo iniciou-se com passeios primaveris no Alentejo, e nos jardins de Lisboa, onde desenhou e tirou fotografias das flores que ia encontrando. Levou para o laboratório pequenas amostras das flores, onde os cortes microfinos dos caules das flores foram corados de forma a realçar características funcionais, como os cloroplastos e as paredes celulares. Trabalhando num microscópio de contraste-de-fase, obteve imagens detalhadas. Estas imagens microscópicas foram depois aumentadas de modo a produzir outras de grandes dimensões, como a do caule da orquídea *Gennaria diphylla* (nas fotos), encontrada no Parque Florestal de Monsanto.



Gennaria



Gennaria

JARDIM PORCELÂNICO

Rob Kessler uniu a sua vasta experiência nas áreas de artes aplicadas e Design e a tradição cerâmica singular de Portugal, para criar uma parceria com a produtora de porcelanas Vista Alegre. As suas “imagens microbotânicas” formam a base de uma colecção exclusiva de *designs* que serão aplicados num novo serviço de peças de porcelana de formas irregulares. Esta peça, intitulada *Jardim Porcelânico*, estará em exibição durante o colóquio “A Imagem na Ciência e na Arte”, de 17 a 19 de Fevereiro, na Fundação Calouste Gulbenkian. Será ainda exibido um filme realizado por Rob Kessler durante a sua residência no IGC, disponível em www.youtube.com/watch?v=zBU42JC3x04 ■

CAM

Temporada 2011



Doris Salcedo, Istanbul Project

Desde Janeiro, no espaço do Centro de Arte Moderna, pode ser visitada a exposição de **Ana Vieira** – *Muros de Abrigo*, mas também a mostra temática com obras da Coleção do CAM – *Casa Comum*. Ainda no CAM, o arquitecto luso-francês **Didier Faustino** apresenta *Não Confiem nos Arquitectos*. Uma renovada apresentação da Coleção permanente pode também ser visitada no Centro.

Além das quatro exposições inauguradas em Janeiro, o Centro de Arte Moderna terá muitos e bons motivos para ser visitado ao longo do ano. Nomes como os dos portugueses **João Penalva** ou **Miguel Palma**, mas também uma grande exposição da escultora colombiana **Doris Salcedo**, fazem parte da temporada do CAM para 2011.

A partir de meados de Abril, a nave principal do Centro será ocupada por *Linha de Montagem*, de **Miguel Palma**, enquanto a Sala Polivalente mostrará vídeo e fotografia de **Vítor Pomar**. Ao mesmo tempo, serão apresentados, pela primeira vez em Portugal, trabalhos da escultora coreana **Koo Jeong A.**, que vive e trabalha entre Berlim e Londres.

Durante os meses de Verão, a exposição antológica de **João Penalva** ocupará as salas do CAM, com curadoria de Isabel Carlos. Em Outubro, espaço para a dupla **Ifigénia e Isaac** apresentar uma performance e instalação de título *A Kills B*. A 10 de Novembro, além de *Paisagem na Coleção do CAM*, inaugura-se a grande exposição da *rentrée* – *Plegaria Muda* de **Doris Salcedo**. A artista colombiana, que vive e trabalha em Bogotá e foi uma das artistas convidadas a intervir na Turbine Hall da Tate Modern, apresentará obras inéditas na sua passagem por Lisboa. ■



Casa Comum

Até 27 de Março
Curadoria: Leonor Nazaré

Não Confiem nos Arquitectos

Até 3 de Abril | Curadoria: Isabel Carlos



Didier Faustino, Future will be a remake, 2011 © Paulo Costa



Pedro Cabrita Reis, Meus pais deram-me aquilo que podiam, alma da sua diversa, 1993



Aspecto geral da exposição © Paulo Costa

Muros de Abrigo

Ana Vieira

Até 27 de Março | Curadoria: Paulo Pires do Vale



Ambiente – Sala de Jantar, 1971 © Paulo Costa



Corredor, 1982 © Paulo Costa



Pronomes, 2001 © Paulo Costa



Santa Paz Doméstica, Domesticada?, 1977 © Paulo Costa

Piano, ópera e bandoneón no Grande Auditório



O piano vai dominar a programação de Fevereiro da Gulbenkian Música, com uma oferta que inclui obras de vários períodos musicais que serão tocadas com algumas peças fundamentais do repertório sinfónico e com outras menos ouvidas como a música para bandoneón de Piazzolla. Mahler, o seu contexto e legado, continuarão, naturalmente, a marcar presença, como pano de fundo de toda a temporada. Com a Orquestra Gulbenkian e sob a direcção de Lawrence Foster (**dia 3, às 21h, e dia 4, às 19h**), a pianista **Sa Chen** interpretará o Concerto de Edvard Grieg, em lá menor, op.16, num programa que vai incluir o Concerto para violoncelo e orquestra n.º 1, em sol menor, op. 49 de Dmitri Kabalevsky, com a violoncelista **Maria José Falcão**, e a Cantata *Alexander Nevsky*, op. 78, de Sergei Prokofiev com a participação da meio-soprano **Larissa Savchenko**.

Pablo Mainetti será o intérprete do Concerto para bandoneón de Astor Piazzolla, acompanhado pela Orquestra Gulbenkian dirigida por Josep Pons (**dia 10, às 21h, e dia 11, às 19h**). Nesse dia o público poderá ainda ouvir *Danzas de Estancia*, op.8 de Alberto Ginastera, *Intégrales* de Edgard Varèse e *La mer* de Claude Debussy. (Algumas peças deste programa serão tocadas no sábado, dia 12, às 16h, num concerto para a família, com comentários de Tiago Figueiredo.)

Depois do concerto de dia 11, às 21h30, com **entrada livre**, o palco do Grande Auditório receberá solistas da Orquestra Gulbenkian. **Alexandra Mendes** (violino), **Cecília Branco** (violino), **Barbara Friedhoff** (viola) e **Maria José Falcão** (violoncelo) interpretam o Quarteto para cordas em sol menor, op. 10 de Claude Debussy e o Quarteto para cordas de Luís de Freitas Branco.

O pianista **Boris Berezovsky**, vencedor do concurso Tchaikovsky de Moscovo (1990), e que desde então se tem



Sa Chen

afirmado como um dos grandes intérpretes actuais, tocará obras de Fryderyck Chopin e Franz Liszt (**dia 15, às 19h**). O concerto seguinte terá a marca do maestro e pianista **Christian Zacharias**, num programa com a Orquestra Gulbenkian (**dia 17, às 21h, e dia 18, às 19h**) em que tocará e conduzirá o Concerto para Piano e Orquestra n.º 27 de Mozart e a 3.ª Sinfonia Anton Bruckner. O barítono **Georg Nigl** dará voz às *Canções de Um Viandante* de Gustav Mahler, num programa dirigido pelo maestro **Yakov Kreizberg**, com a Orquestra Gulbenkian (**dia 24, às 21h, e dia 25, às 19h**) e que inclui ainda a Sinfonia n.º 11 de Dmitri Chostakovitch, *O Ano de 1905*. Às **21h30**, dois solistas da Orquestra Gulbenkian, **Samuel Barsegian** (viola) e **Satenik Barsegian** (piano) interpretam, no Grande Auditório a Sonata para viola e piano em dó maior, op.147 de Dmitri Chostakovitch. **A entrada é livre.**

MET LIVE EM HD

Nixon in China de John Adams (**19 de Fevereiro**), e **Iphigénie en Tauride** de Gluck (**26 de Fevereiro**), com Susan Graham e Plácido Domingo nos principais papéis, são as duas óperas da temporada da Metropolitan Opera de Nova Iorque a transmitir este mês, em alta definição, no Grande Auditório.

Composta por Adams em 1987, **Nixon in China**, vai estrear-se no palco do Met, numa produção da English National Opera, baseada na produção original, estreada na Houston Grand Opera. Este espectáculo marca também a estreia do encenador inglês Peter Sellars neste palco. Com *libretto* de Alice Goodman, **Nixon in China** recria o encontro entre o Presidente americano e o líder chinês Mao Tse-tung, em 1972, que, segundo Adams constituiu “um momento mítico da história mundial e, em particular, da história americana”. James Maddalena retoma o papel principal que protagonizou na estreia mundial, juntando-se a Janis Kelly (Pat Nixon) e Robert Brubaker (Mao Tse-tung). Completam o elenco Kathleen Kim (mulher de Mao), Russell Braun (Chou En-lai) e Richard Paul Fink (Henry Kissinger). A ópera será dirigida pelo próprio John Adams.

A produção estreada em 2007 no Met da sublime ópera de Gluck **Iphigénie en Tauride**, encenada por Stephen Wadsworth, será este ano reposta com a direcção musical de Patrick Summers. Mantém-se o par principal da produção original, Susan Graham (Iphigénie) e Plácido Domingo (Oreste). Paul Groves regressa no papel de Pylade e Gordon Hawkins interpreta o personagem Thoas. As duas transmissões terão início às 18h.

Próximas transmissões: **Lucia di Lammermoor** de Gaetano Donizetti (19 Março); **Le Comte Ory** de Gioachino Rossini (9 Abril); **Capriccio** de Richard Strauss (23 Abril); **Il Trovatore** de Giuseppe Verdi (30 Abril); e **Die Walküre** de Richard Wagner (21 Maio). ■



Met Live, Iphigénie en Tauride



Met Live, Nixon in China





© Márcia Lessa



© Márcia Lessa



© Márcia Lessa

Orquestra interactiva

Integrado no Festival de Inverno da temporada Gulbenkian Música, a Fundação Calouste Gulbenkian trouxe até Portugal o projecto RE-RITE – uma instalação multimédia interactiva – da Philharmonia Orchestra, de Londres, que esteve patente ao público de 9 a 23 de Janeiro, no edifício do MUDE – Museu do Design e da Moda de Lisboa. Durante duas semanas, quase 14 mil visitantes fizeram uma visita virtual aos diversos elementos que constituem uma orquestra e usufruíram de uma visão mais intimista e emotiva sobre os diversos intérpretes e a sua relação com os diferentes grupos de instrumentos. Pôr o visitante a partilhar, de uma forma estruturada, a observação e audição das diversas secções de uma orquestra e interagir virtualmente com cada uma delas foi a essência do projecto RE-RITE.

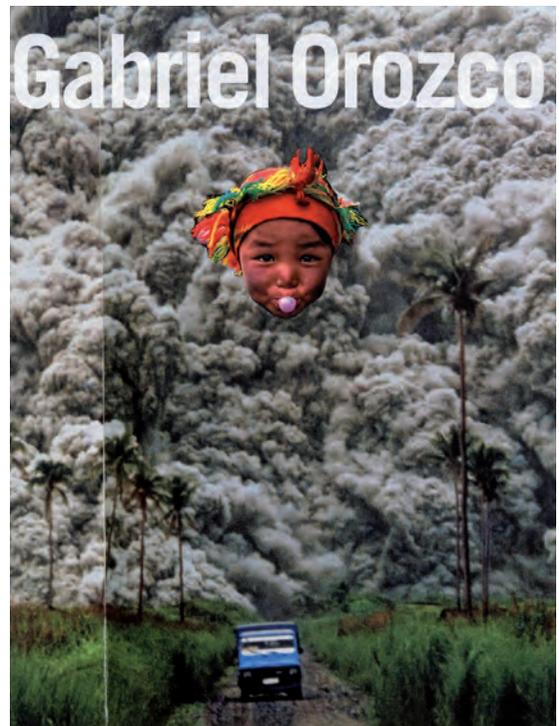
Num espaço depurado e particularmente vocacionado para o efeito, cada visitante, a seu bel-prazer viveu essa experiência, a partir da gravação digital em alta definição de *A Sagração da Primavera* de Igor Stravinsky, conduzida pelo maestro Esa-Pekka Salonen.

No dia da inauguração, a 8 de Janeiro, foram inúmeros os convidados e visitantes que manifestaram o seu entusiasmo pela natureza simultaneamente desafiante e provocadora deste projecto, sentindo-se directamente interpelados a “sentar-se” entre a secção de trompas ou mesmo tentar dirigir ou equalizar o som na mesa de mistura. Ao percorrer cada um dos compartimentos, o visitante desembocava num espaço alargado onde podia assistir ao vivo à actuação do DJ Gabriel Prokofiev, neto do compositor. ■

Catálogos da Biblioteca de Arte

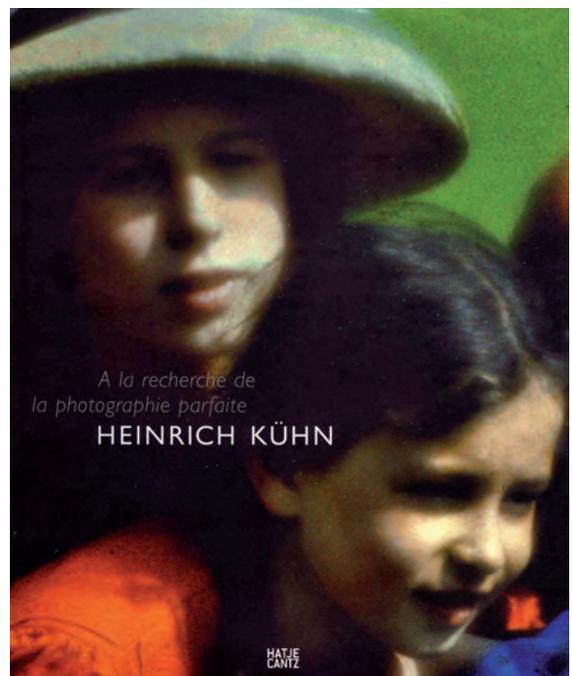
A Tate Modern (Londres) será a última etapa expositiva da retrospectiva dedicada ao artista mexicano Gabriel Orozco (n. 1962), inaugurada em Dezembro de 2009 no The Museum of Modern Art (MoMa, Nova Iorque) – que a organizou – e que depois passou, respectivamente, pelo Kunstmuseum de Basileia e pelo Musée national d'art moderne, Centre George Pompidou (Paris). Com uma produção artística iniciada no final da década de 80, Gabriel Orozco é considerado um dos artistas mais influentes da sua geração. O seu processo criativo é marcado por um espírito de invenção que actua sobre objectos comuns do quotidiano, encontrados ao longo das suas deambulações e nos diferentes lugares por onde tem vivido – Cidade do México, Brasil, Nova Iorque, Paris – transformando-os e recriando-os em objectos artísticos.

Nesta exposição, reúnem-se 80 trabalhos que abrangem a produção artística de Orozco nos últimos vinte anos, nos campos da escultura, da pintura, do desenho, da fotografia e da instalação. O livro que acompanha a exposição é mais do que um mero catálogo. Foi coordenado por Ann Temkin, curadora do MoMa, produzido pelo departamento de publicações daquele museu e contou com a colaboração do próprio Orozco. Profusamente ilustrado, contém ensaios que analisam e contextualizam a obra do artista no panorama da arte contemporânea, uma cronologia que combina a sua biografia com alguns dos seus mais significativos trabalhos, e uma bibliografia seleccionada. ■



A partir do dia 6 de Março, será a vez do Museum of Fine Arts de Houston mostrar a exposição dedicada ao fotógrafo austríaco Heinrich Kühn (1866-1944), que este museu organizou em parceria com o museu Albertina, de Viena, e o Musée d'Orsay, de Paris. Heinrich Kühn é considerado um dos expoentes do Picturalismo, corrente estética do *fin de siècle* que reivindicou para a fotografia as mesmas qualidades artísticas da pintura e do desenho, como reacção à tendência crescente da vulgarização permitida pelas suas características técnicas. Ao longo da sua prática, desenvolvida sobretudo entre 1895 e 1915, Kühn desejou que as suas fotografias transmitissem uma atmosfera, que ele tentou conseguir utilizando procedimentos técnicos como provas de goma dicromatada, papéis texturados e jogos de lentes.

Esta exposição permite pela primeira vez elaborar uma biografia aprofundada de Kühn, baseada não só em documentação como também no exame dos negativos conservados e das notas de ateliê. À luz destes elementos, a equipa curatorial, sob a responsabilidade de Monika Faber (curadora do Albertina), realizou novas investigações sobre os métodos de trabalho deste fotógrafo, do ponto de vista formal e sobre as técnicas que utilizou, cujo resultado é publicado nos ensaios do catálogo que acompanha a exposição. Este catálogo – a Biblioteca de Arte possui a versão em francês – contém ainda reproduções de grande qualidade das fotografias de Heinrich Kühn, assim como um glossário dos termos fotográficos por ele utilizados. ■





Pascal Dagnon-Bouveret, *Les Bretonnes au Pardon*. França, 1887 © Fundação Calouste Gulbenkian

Antigo bolsheiro da Fundação devolve valor de bolsa

Num gesto inédito, um antigo bolsheiro da Fundação Gulbenkian devolveu o valor da bolsa de que beneficiou para a sua formação. Com esta acção, o bolsheiro que prefere manter o anonimato, quis agradecer o contributo da Fundação, mas também entregar este valor para que dele beneficiem outros estudantes que “mereçam e precisem”, como se lê na carta que enviou.

O Conselho de Administração da Fundação congratulou-se com este gesto, reconhecendo o “grande significado e raridade desta atitude”, deliberando aplicar o montante recebido numa bolsa de estudo ou outra iniciativa que possa beneficiar uma instituição na área da educação e da formação, que lide em particular com jovens pertencentes a grupos desfavorecidos. ■

Museu Calouste Gulbenkian entre os “Melhores Pequenos Museus do Mundo”

O Museu Calouste Gulbenkian foi eleito pelo *site* norte-americano The Savvy Explorer como um dos sete “Melhores Pequenos Museus do Mundo”. Na Europa, o Museu que alberga as cerca de seis mil peças que constituem a Colecção Calouste Gulbenkian figura na lista ao lado de outros “pequenos museus” como a Kunsthau Zurich (Zurique), o Musée de l’Orangerie (Paris) e a Colecção Peggy Guggenheim (Veneza). Entre os museus norte-americanos estão o The Clark (Williamstown) e a Frick Collection (Nova Iorque).

O guia de viagens *online* destaca a apresentação “engenhosa” da Colecção do Museu Calouste Gulbenkian, que, organizada cronológica e geograficamente, conta ao visitante “uma história da cultura humana por regiões do mundo”. Considera ainda “imperdíveis” os quadros de Pascal Dagnon-Bouveret e as peças de Arte Nova produzidas por René Lalique. www.thesavvyexplorer.com ■

Fundação homenageia Paula Rego

Artista Paula Rego foi homenageada no dia do seu aniversário, em Londres, pelo Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian. Dezenas de pessoas associaram-se a esta distinção que teve lugar na sede da Delegação no Reino Unido, em Hoxton Square, no dia 26 de Janeiro. Antiga bolsheira da Fundação, nos anos 70, Paula Rego vive há várias décadas em Londres mantendo uma forte ligação a Portugal, onde expõe regularmente. Na ocasião, o presidente da Fundação anunciou uma nova exposição com obras de Paula Rego que será realizada em Abril de 2012, em Paris, nas novas instalações do Centro Cultural Calouste Gulbenkian. ■



GAMeets na Curia

A Curia foi, durante vários anos, o local para as reuniões anuais dos primeiros programas Gulbenkian de Doutoramento. Em Dezembro passado, e para comemorar o 15.º aniversário das reuniões da Curia, a reunião anual de Gulbenkian Alumni 2010 (GAMeets) regressou ao Hotel Curia Palace. O encontro reuniu cerca de 100 antigos e actuais estudantes Gulbenkian, espalhados por todo o mundo.

Num programa intensivo ouviram-se 43 apresentações, ao longo de 24 horas, por cientistas que actualmente têm os seus próprios laboratórios, em Portugal ou no estrangeiro, e outros que desenvolvem carreiras alternativas em ciência, como o empreendedorismo, a comunicação e administração de ciência. O programa contou com a presença do administrador da Fundação Gulbenkian Diogo de Lucena, entre vários convidados.

Desde 1993 passaram 509 doutorandos pelos programas Gulbenkian de Doutoramento. O principal objectivo dos encontros anuais é estreitar os laços entre esta rede, proporcionando oportunidades de troca de conhecimento sobre questões de actualidade, e fomentar colaborações futuras. ■

Oeiras apoia investigadores do IGC

A Câmara Municipal de Oeiras atribuiu a Diogo Castro e Patrícia Beldade, do Instituto Gulbenkian de Ciência, as bolsas científicas Professor Doutor António Xavier de 2010/11. As bolsas de instalação, no valor de 15 mil euros cada, têm como objectivo apoiar a instalação dos grupos de investigação liderados por aqueles investigadores, recém-chegados ao IGC. Estes apoios são atribuídos anualmente pela Câmara de Oeiras, mediante concurso aberto a investigadores que estejam a desenvolver trabalho em qualquer centro de investigação científica do concelho de Oeiras. ■



Colecção Ciência

Resultante de uma parceria entre o IGC e a Vista Alegre, a Colecção Ciência apresenta as imagens originais obtidas por jovens cientistas no decurso dos seus trabalhos no Instituto Gulbenkian de Ciência. Quem adquirir um objecto da Colecção está a contribuir para a promoção da investigação científica. A Colecção Ciência está disponível nas lojas da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, no Instituto Gulbenkian de Ciência, em Oeiras, e nas lojas da Vista Alegre (Ílhavo e Lisboa). Mais informações em www.igc.gulbenkian.pt ■



História da Matemática

Victor J. Katz

**Dançar na Escola
Perspectivas de
aproveitamento didáctico
em contexto de sala de aula**

Maurizio Padovan

**Introdução à
Economia Urbana**

A. Simões Lopes,
J. Pedro Pontes

Turbulência em Fluidos

H. Tennekes e J. L. Lumley

Este livro é a reedição, há muito aguardada, da obra de João Manuel dos Santos Simões, que dedicou a sua vida ao estudo e investigação da azulejaria portuguesa. Revista e actualizada pela equipa de Alexandra Gago da Câmara, esta edição vem completar o Corpus da Azulejaria em Portugal, que incluiu também os volumes dedicados aos séculos XVI e XVII.

O século XVIII é o período em que o azulejo português consolida a sua identidade e em que, como escreve o autor do livro, “para a maioria das pessoas, o próprio termo *azulejo* identifica a produção desse longo período, caracterizado pelas exuberâncias decorativas do Barroco, que encontraram na decoração cerâmica das expressões mais eloquentes: muitos são ainda os que crêem que a palavra *azulejo* define o que era feito a azul, e o azul foi a cor que dominou a azulejaria da primeira metade desse século”.

Com mais de 700 páginas, vários índices – iconográfico, onomástico e cronológico –, este livro apresenta também uma sistematização dos vários vestígios e registos azulejares portugueses que constituem um poderoso auxílio para investigadores e uma excelente referência para os que querem saber mais sobre o tema. ■

Goa Sustentável

No âmbito das actividades do Programa Gulbenkian Ambiente foi estabelecido, em Abril de 2010, um protocolo de colaboração entre a Fundação Calouste Gulbenkian e o **TERI** (The Energy and Resources Institute), uma das mais prestigiadas instituições académicas da União Indiana, liderada por Rajendra Pachauri, Presidente do **IPCC** (Painel das Nações Unidas para as Alterações Climáticas).

Este protocolo tem como principal objectivo a realização de um ambicioso estudo voltado para a promoção de uma estratégia de desenvolvimento sustentável para Goa, sob o título: “Rumos, Inovação e Estratégias para o Desenvolvimento sustentável em Goa”. Com uma população de 1,3 milhões de habitantes (censo de 2001), Goa é o mais pequeno Estado da União Indiana do ponto de vista territorial (apenas 3702 km²), embora partilhe de muitas das contradições e dificuldades que afectam o modelo de crescimento do país.

O projecto foi lançado em 27 de Agosto do ano passado, numa jornada de trabalho realizada em Goa, com mais de 70 participantes, representando os diversos sectores da sociedade goesa, do governo às universidades, passando pelas empresas e ONG. O primeiro relatório semestral, agora apresentado, revela uma profunda e bem documentada caracterização da situação económica, social e ambiental

do Estado de Goa, e ainda as principais ameaças e pressões sobre os frágeis ecossistemas, bem como sobre o tecido social do Estado. Uma particular atenção foi conferida aos impactos do turismo, do sector mineiro, da construção em zonas costeiras sensíveis, assim como a perda da biodiversidade e as profundas alterações do povoamento florestal. Os resultados deste estudo, que dedica uma grande atenção à necessidade de medidas de adaptação perante os crescentes impactos das alterações climáticas, integrarão as estratégias do governo estadual, bem como de muitos actores da esfera privada, contribuindo para reatar as relações de Portugal com um território indiano onde as marcas lusas se projectarão, desta forma, no desenhar de um futuro mais sustentável. ■



Outros apoios

Deficiências Mentais

Apoio à **Raríssimas – Associação Nacional de Deficiências Mentais e Raras**, destinado à unidade de fisioterapia da Casa dos Marcos, instituição de acolhimento para crianças e jovens portadores de doenças raras, com carência de apoio domiciliário.

Espólio de Mário Barradas

Subsídio à **Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa** para aquisição do espólio do actor e encenador Mário Barradas, figura que muito contribuiu para a construção de um tecido teatral descentralizado e dinâmico em Portugal.



Criar jóias é criar símbolos e significados

Edgar Mosa | 25 anos | Área: Joalheria*

COMO SURTIU O INTERESSE PELA JOALHARIA?

Passei grande parte da minha infância nas praias de Sintra. Lembro-me de andar a descobrir pedras e conchas em vez de usufruir da praia, de onde trazia colecções extensas de rochas e outros organismos naturais. Desde cedo, soube distinguir o comum do diferente, manifestando um interesse pelas formas e texturas das coisas em redor. A minha mãe diz que eu tinha um sentido estético diferente, que ligava imenso aos pormenores e procurava estabelecer ligações entre eles.

A Joalheria surgiu como forma de organizar colecções, de acordo com direcções específicas de intuição e/ou arquétipos sociais. Criar jóias é criar símbolos e significados – revisitar momentos e partilhá-los com uma audiência de forma íntima. Interessa-me como linguagem e como unidade de medida.

E ONDE DECIDIU ESTUDAR?

Face à inexistência de licenciatura na área de joalheria contemporânea em Portugal, concorri à Gerrit Rietveld Academie (Amesterdão), que defende que, para um jovem artista, o fundamental é estabelecer um método de trabalho, antes de pensar sequer num produto final. Esta filosofia proporcionou-me explorar uma metodologia mais pessoal, despegada da estrutura clássica que apreendera no curso de ourivesaria e metais da Escola António Arroio. A Rietveld

procura aliciar os alunos a desenvolver técnicas e materiais sem qualquer restrição, abrindo-lhes um leque de experiências como base de conhecimento. Ao proporcionar uma modalidade autodidacta, ensina-nos a gerir o nosso tempo de oficina como preparação para o mundo do trabalho. Foi em Amesterdão que comecei, acima de tudo, a adoptar um estilo de vida que me ajudou a encontrar o meu próprio método de trabalho.

E AGORA FREQUENTA O MESTRADO NA CRANBROOK ACADEMY OF ART, NO MICHIGAN...

Esta academia norte-americana proporciona um formato educacional semelhante ao da Rietveld, não exigindo uma componente teórica além da tese escrita. Em todos os semestres são organizados programas de palestras facultativas, a grande maioria com artistas consagrados, bem como outros convidados pelos departamentos para coordenar críticas em grupo que decorrem semanalmente, onde os alunos expõem trabalhos em sistema rotativo. A academia tem uma longa tradição de práticas de oficina, as quais constituem grande parte do desenvolvimento do trabalho. O isolamento faz também parte do método de ensino; o facto de se localizar nos subúrbios de Detroit torna a academia, à primeira vista, pouco atractiva, requerendo um maior e claro interesse por parte dos candidatos. A falta



de uma certa “vida social” conduz-nos a um diálogo entre nós e ao nosso desenvolvimento, proporcionando maior aprendizagem pessoal (quase existencial). A verdade é que o trabalho só se consegue... trabalhando.

TERMINADO O CURSO, O QUE SE SEGUE?

Aqui (nos EUA) a joalheria contemporânea não tem o mesmo reconhecimento que na Europa. Ainda fortemente influenciada pelo movimento dos *craft*, exalta-se com práticas complicadas e tecnicamente elaboradas, reconhecendo mais o valor da manufatura do que o envolvimento conceptual e a linguagem de contemporaneidade. Assim, constitui um árduo, mas aliciante campo de batalha para pioneiros nesta área tão pouco popular.

Encontro-me como que dividido por um espelho entre esta terra estrangeira e aquela onde nasci. Não tenho, porém, quaisquer dúvidas, de que durante a minha ausência me tornei mais português – adquirindo maior consciência das raízes que trago comigo e se manifestam na forma dos ornamentos e sensibilidade ao folclore. Talvez fique pelos Estados Unidos, continuando a descobrir no reflexo a minha própria cultura, e divulgando aquilo que na essência ela tem de melhor. ■

** bolseiro do Serviço de Belas-Artes (em conjunto com a FLAD) na Cranbrook Academy of Art, Michigan, EUA*

COMO É VIVER EM BLOOMFIELD HILLS?

Fazendo fronteira aquática com o Canadá, o porto de Detroit foi outrora o centro mundial da produção automobilística. Contudo, desde a recessão económica provocada pela crescente concorrência de outras companhias de produção automóvel, esta cidade parece ter sido votada ao esquecimento. Muitos habitantes maioritariamente brancos foram-se deslocando para cidades suburbanas como Bloomfield Hills, que se estendem ao longo das auto-estradas sem grande evidência de fronteiras entre elas. Bloomfield Hills constitui uma comunidade especial pois muitos dos residentes frequentam o programa de palestras em Cranbrook, e reconhecem a importância desta instituição, doando-lhe pequenas, mas significativas quantias monetárias, que revertem a favor de alunos na forma de bolsas de mérito em reconhecimento do seu trabalho.

Biblioteca de Arte

As Exposições de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian (1957, 1961 e 1986)

Apenas um ano após a sua formalização legal (Julho de 1956), a Fundação Calouste Gulbenkian fez a primeira intervenção pública na vida cultural nacional, organizando uma exposição realizada nas instalações da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Para os responsáveis pela Fundação, esta exposição iria permitir-lhes traçar “uma visão panorâmica do estado actual das artes plásticas em Portugal” que, no final da década de 1950, revelava evidentes sinais de mudança.

Inaugurada em 7 de Dezembro de 1957 (repetida no Porto em 1958), a I Exposição de Artes Plásticas mostrava um conjunto de 251 obras – 143 de pintura, 37 de escultura e 75 de desenho e gravura – de 148 artistas. No prefácio do catálogo lia-se que a Fundação desejava “proporcionar aos artistas (...) uma nova oportunidade de estabelecerem contacto com o público” e ainda permitir aos mais jovens “revelarem a sua obra (...), afirmarem as suas aptidões e (...) permitir-lhes a obtenção de bolsas de estudo, no País e fora dele”. O júri de admissão cumpriu os objectivos enunciados, já que entre os nomes seleccionados se contavam tanto artistas com reconhecimento no contexto nacional, como Eduardo Viana (grande prémio) e Almada Negreiros – que protagonizou uma das polémicas do evento, ao apresentar quatro composições abstractas geométricas –, como jovens em início de carreira. Paralelamente à exposição, que mereceu larga cobertura jornalística e teve um enorme sucesso de público, a Fundação providenciou a realização de algumas conferências, proferidas por Bernard Dorival (conservador do Musée d’art moderne, de Paris), Roland Penrose (director do Institute of Contemporary Arts, de Londres) e Mário Dionísio (professor e ensaísta), que apresentou um texto intitulado “Conflito e unidade na arte contemporânea”.

Em Dezembro de 1961, a Fundação Calouste Gulbenkian repetiu a iniciativa de 1957. A II Exposição de Artes Plásticas, desta vez realizada nas instalações da Feira Internacional de Lisboa, juntou a arquitectura às secções anteriores. Esta não era, porém, a única alteração, pois, como se afirmava no catálogo, “também agora, um regulamento estudado para fixar as principais normas (...) precisou que a ela seriam admitidas todas as formas e meios de expressão em

Arte”. O júri alargou-se, renovou-se e passou a ser só um para a selecção e para a premiação, incluindo representantes dos artistas (por eles eleitos) nas pessoas do pintor Fernando de Azevedo e do arquitecto João Abel Manta. Se o número de artistas seleccionados foi menor – 141 – o de obras expostas aumentou: 298; e se na I Exposição ainda se puderam ver obras que perpetuavam um naturalismo academizante e fora do “ar do tempo”, mas dominante nos certames oficiais do regime, na II todas enunciavam já claramente as rupturas estéticas da década de 1960, protagonizadas por uma nova geração de artistas. Uma vez mais, esta iniciativa da Fundação foi um êxito junto do público e da crítica, tendo sido acompanhada por um programa cultural que incluiu concertos organizados pelo Serviço de Música e sessões de cinema.

Depois de um interregno de 25 anos, em 1986, por ocasião da celebração dos seus 30 anos de existência, a Fundação Calouste Gulbenkian organizou a III Exposição de Artes Plásticas (de 20 de Julho a 31 de Agosto), desta vez já realizada nos seus espaços expositivos da Avenida de Berna. No prefácio do catálogo explicava-se que nesta III edição, atendendo “às muitas alterações sofridas no campo das Artes Plásticas” desde os anos 60, se introduziam novas secções – “Objectos e Instalações”, a “Fotografia” e o “Vídeo” – e se estabelecia que “as obras a apresentar seriam posteriores a 1980, data mundialmente reconhecida como um significativo marco da viragem da Pintura e da Escultura”. Foram recebidas para concurso 2671 obras, das quais o júri escolheu 345. No elenco de artistas seleccionados cruzavam-se gerações e sensibilidades estéticas diversas, embora predominassem os nomes que emergiram na cena artística nacional nas décadas de 60 e 70.

O conjunto de documentos que ficaram para a memória futura destas iniciativas da Fundação Calouste Gulbenkian pertence ao acervo da Biblioteca de Arte, que o disponibiliza ao estudo e investigação. É constituído pelos catálogos da I, II e III exposições, por um conjunto de fotografias da I e da II (que se encontra digitalizado e acessível para consulta na rede interna da BA), pelo programa das sessões de cinema da II e por um vídeo sobre a III. ■ Ana Barata



*TÍTULO/ RESP I e II Exposição de Artes Plásticas
[Material gráfico]**

PRODUÇÃO 1957-1961

DESCR. FÍSICA 519 provas fotográficas ; 24 x 26,5 cm - 9 x 12 cm ; 382 negativos ; 13 x 18 cm - 6 x 6 cm : p&b

CONTÉM I Exposição de Artes Plásticas / fotografias de Mário Novais... [et al.]1957; II Exposição de Artes Plásticas / fotografias de Mário Novais, Horácio Novais e de José Pereira 1961

COTA(S) CFT032.1/1-CFT032.1/418 ; CFT032.2/1-CFT032.2/306

** As referências bibliográficas de todos os documentos estão disponíveis no catálogo da BA www.biblarte.gulbenkian.pt*



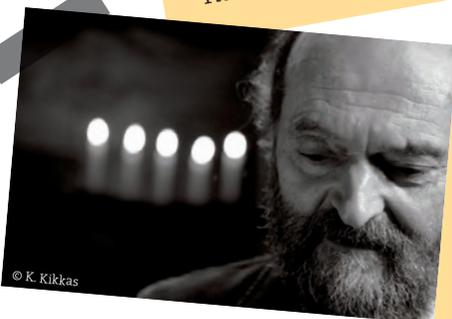


Mestres da pintura europeia como **Georges Braque**, **Paul Cézanne** (pintura na foto), **Salvador Dali**, **Paul Gauguin**, **Édouard Manet**, **Claude Monet**, **Pablo Picasso**, **Auguste Renoir**, **Max Ernst**, **René Magritte**, **Henri Rousseau** e **Giorgio Morandi**, entre muitos outros, vão estar na Fundação Gulbenkian a partir de **22 de Outubro**, na segunda parte da grande exposição dedicada à natureza-morta na Europa. Neil Cox, professor da Universidade de Essex e especialista em arte francesa do século XX, foi convidado pelo Museu Calouste Gulbenkian para comissariar esta mostra que pode ser visitada até 8 de Janeiro de 2012. ■



© Lilia Benzi

O Programa Gulbenkian Próximo Futuro regressa a **12 de Maio** com o workshop “Estado das Artes em África e América do Sul”, altura em que começam as Lições. Mas há mais: a **13 de Maio**, será inaugurada a Exposição dos Encontros de Fotografia de Bamako e à noite haverá Baile na Garagem! ■



© K. Kikkas

A obra **Passio** do compositor **Arvo Pärt**, baseada no Evangelho de São João, é apresentada no dia **21 de Março, às 19h**, no Grande Auditório. O maestro **Paul Hillier**, que mantém uma estreita e longa colaboração com Pärt, dirige, neste concerto, o Coro Casa da Música e músicos do Remix Ensemble. ■

fevereiro | 15 março agenda

exposições

Terça a Domingo das 10 às 18h
Encerram à segunda



MUROS DE ABRIGO

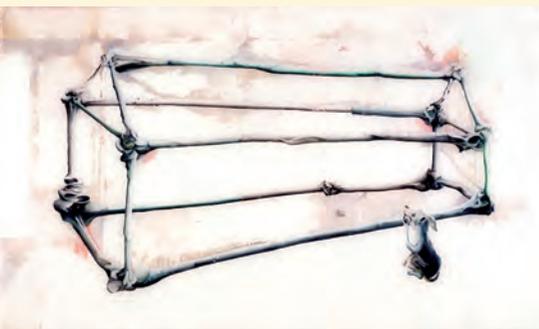
DE ANA VIEIRA

ATÉ 27 MARÇO

CAM

Curadoria: Paulo Pires do Vale

€4



CASA COMUM

OBRAS NA COLECÇÃO DO CAM

ATÉ 27 MARÇO

CAM

Curadoria: Leonor Nazaré

€4

NÃO CONFIEM NOS ARQUITECTOS

DE DIDIER FAUSTINO

ATÉ 3 ABRIL

CAM

Curadoria: Isabel Carlos

Gratuito

eventos

Todos os eventos são de entrada livre,
excepto onde assinalado

FUNCTIONAL IMAGES OF THE BRAIN: BEAUTY, BOUNTY, AND BEYOND POR JUDY ILLES

CICLO DE CONFERÊNCIAS
IMAGE IN SCIENCE AND ART

2 FEVEREIRO, QUARTA, 18H00

Auditório 2

ACÇÃO SOCIAL EM ESPAÇO URBANO NO Séc. XXI

CONGRESSO INTERNACIONAL
3 E 4 MARÇO, QUINTA E SEXTA, 9H30

Auditório 2

'PORTUGAL INVISÍVEL' LANÇAMENTO DO LIVRO

15 MARÇO, TERÇA, 18H30

Auditório 3

CONFERÊNCIA POR PETER FÖTVÖS, MAESTRO

GULBENKIAN MÚSICA

15 MARÇO, TERÇA, 20H00

Auditório 2

música

CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN

3 FEVEREIRO, QUINTA, 21H00

4 FEVEREIRO, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Lawrence Foster MAESTRO

Larissa Savchenko MEIO-SOPRANO

Maria José Falcão VIOLONCELO

Sa Chen PIANO

Dmitri Kabalevsky, Edvard Grieg, Sergei Prokofiev

ORQUESTRA GULBENKIAN

PERCURSO DESCOBERTA

10 FEVEREIRO, QUINTA, 21H00

11 FEVEREIRO, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Josep Pons MAESTRO

Pablo Mainetti BANDONEÓN

Alberto Ginastera, Astor Piazzola, Edgard Varèse,

Claude Debussy

SOLISTAS DA ORQUESTRA GULBENKIAN

11 FEVEREIRO, SEXTA, 21H30

Grande Auditório

Alexandra Mendes VIOLINO

Cecília Branco VIOLINO

Barbara Friedhoff VIOLA

Maria José Falcão VIOLONCELO

Luis de Freitas Branco, Claude Debussy

ORQUESTRA GULBENKIAN

CONCERTO PARA A FAMÍLIA

12 FEVEREIRO, SÁBADO, 16H00

Grande Auditório

Josep Pons MAESTRO

Pablo Mainetti BANDONEÓN

Tiago Figueiredo VÍDEO E COMENTÁRIO

Astor Piazzola, Edgard Varèse



© David Crookes

CICLO PIANO

15 FEVEREIRO, TERÇA, 19H00

Grande Auditório

Boris Berezovsky PIANO

Fryderyk Chopin, Franz Liszt



© Marc Vanappelghem

ORQUESTRA GULBENKIAN

17 FEVEREIRO, QUINTA, 21H00

18 FEVEREIRO, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Christian Zacharias MAESTRO E PIANO

Wolfgang Amadeus Mozart, Anton Bruckner

MET LIVE IN HD

NIXON IN CHINA

DE JOHN ADAMS

19 FEVEREIRO, SÁBADO, 18H00

Grande Auditório

John Adams MAESTRO

Peter Sellars ENCENADOR

Kathleen Kim, Janis Kelly, Robert Brubaker,

Russell Braun, James Maddalena, Richard Paul Fink

Transmissão em directo da Metropolitan Opera

ORQUESTRA GULBENKIAN

24 FEVEREIRO, QUINTA, 21H00

25 FEVEREIRO, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Yakov Kreizberg MAESTRO

Georg Nigl BARÍTONO

Gustav Mahler, Dmitri Chostakovich

SOLISTAS DA ORQUESTRA GULBENKIAN

25 FEVEREIRO, SEXTA, 21H30

Grande Auditório

Samuel Barsegian VIOLA

Satenik Barsegian PIANO

Dmitri Chostakovich

MET LIVE IN HD

IPHIGÉNIE EN TAURIDE

DE CHRISTOPH WILLIBALD GLUCK

26 FEVEREIRO, SÁBADO, 18H00

Grande Auditório

Patrick Summers MAESTRO

Stephen Wadsworth ENCENADOR

Susan Graham, Plácido Domingo, Paul Groves,

Gordon Hawkins

Transmissão em directo da Metropolitan Opera

PEER GYNT

DE EDUARD GRIEG

CONCERTO PARA A FAMÍLIA

4 MARÇO, SEXTA, 19H00

5 MARÇO, SÁBADO, 16H00

Grande Auditório

Oswaldo Ferreira MAESTRO

Orquestra Gulbenkian

José Wallenstein ADAPTAÇÃO E DIRECÇÃO CÉNICA

ORQUESTRA GULBENKIAN

10 MARÇO, QUINTA, 21H00

11 MARÇO, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

François-Xavier Roth MAESTRO

The Swingle Sisters:

Sara Brimer, Joanna Goldsmith-Eteson, Clare Wheeler,

Lucy Bailey, Christopher Jay, Richard Eteson, Tobias Hug,

Kevin Fox

Richard Strauss, Luciano Berio

SOLISTAS DA ORQUESTRA GULBENKIAN

11 MARÇO, SEXTA, 21H30

Grande Auditório

Maria Luisa de Freitas MEIO-SOPRANO

Cristina Ánchel FLAUTA

José Maria Mosqueda CLARINETE

Isabel Pimentel VIOLA

Levon Mouradian VIOLONCELO

Carmen Cardeal HARPA

Rui Sul Gomes PERCUSSÃO

Sandro Andrade PERCUSSÃO

Luciano Berio

MELINGO

MÚSICAS DO MUNDO

13 MARÇO, DOMINGO, 19H00

Grande Auditório

Corazón y hueso

ENSEMBLE INTERCONTEMPORAIN

CICLO GRANDES ORQUESTRAS

15 MARÇO, TERÇA, 21H00

Grande Auditório

Peter Eötvös MAESTRO

Measha Bruggersoman SOPRANO

Bruno Mantovani, Gyorgy Ligeti, Peter Eötvös,

Luciano Berio

descobrir...

Programa Gulbenkian Educação para a Cultura

A ARTE DO RETRATO OS LUGARES DA ARTE

1 FEVEREIRO, TERÇA, 15H00

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA | €5

NICHO DE ORAÇÃO

UMA OBRA DE ARTE À HORA DO ALMOÇO

2 FEVEREIRO, QUARTA, 13H30

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA | Gratuito

A ARTE, A HISTÓRIA E O MUNDO

2, 4, 9 e 11 FEVEREIRO, QUARTA E SEXTA, 10H30

Museu Calouste Gulbenkian

Por: Isabel Oliveira e Silva

CURSO TEÓRICO | €30



A CASA DO ESQUECIMENTO DE PEDRO CABRITA REIS

UMA OBRA DE ARTE À HORA DO ALMOÇO

4 FEVEREIRO, SEXTA, 13H15

CAM

VISITA | Gratuito

VÍDEO PERFORMANCE EM TEMPO REAL TÉCNICAS ARTÍSTICAS PARA NÃO ARTISTAS

5 e 6 FEVEREIRO, SÁBADO E DOMINGO, 10H00

CAM

Por: Tiago Pereira

CURSO PRÁTICO | €40

CASA COMUM. OBRAS NA COLECÇÃO DO CAM

DOMINGOS COM ARTE

6 FEVEREIRO, DOMINGO, 12H00

CAM

VISITAS | Gratuito

VISITAS PARA CIENTISTAS: NÃO CONFIEM NOS ARQUITECTOS,

DE DIDIER FAUSTINO

PROGRAMA C²

12 FEVEREIRO, SÁBADO, 12H00

CAM

Gratuito

NÃO CONFIEM NOS ARQUITECTOS, DIDIER FAUSTINO

DOMINGOS COM ARTE

13 FEVEREIRO, DOMINGO, 12H00

CAM

VISITA | Gratuito



CASA DESABITADA DE ANA VIEIRA

UMA OBRA DE ARTE À HORA DO ALMOÇO

18 FEVEREIRO, SEXTA, 13H15

CAM

VISITA | Gratuito

A ARTE COMO ESPELHO – QUANDO A ARTE APRESENTA... DENUNCIA... AGE

19 e 20 FEVEREIRO, SÁBADO E DOMINGO, 10H00

CAM

Por: Magda Henriques

CURSO TEÓRICO | €40

GEOGRAFIAS DOMÉSTICAS E LITERATURA: A POÉTICA DOS ESPAÇOS

DOMINGOS COM ARTE

20 FEVEREIRO, DOMINGO, 12H00

CAM

VISITA | Gratuito

EXPRESSÃO E MATÉRIA – ESCULTURA NO MUSEU

SEMPRE AOS DOMINGOS

27 FEVEREIRO, DOMINGO, 11H00

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA | €5

MUROS DE ABRIGO

DE ANA VIEIRA

DOMINGOS COM ARTE

27 FEVEREIRO, DOMINGO, 12H00

CAM

VISITA | Gratuito

ORIENTE E OCIDENTE, ENCONTRO DE CULTURAS

OS LUGARES DA ARTE

1 MARÇO, TERÇA, 15H00

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA | €5

TAPETE TIPO “COMBATE DE ANIMAIS”

UMA OBRA DE ARTE À HORA DO ALMOÇO

2 MARÇO, QUARTA, 13H30

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA | Gratuito

A ARTE, A HISTÓRIA E O MUNDO

2, 4, 9 e 11 MARÇO, QUARTA E SEXTA, 10H30

Museu Calouste Gulbenkian

Por: Isabel Oliveira e Silva

CURSO TEÓRICO | €30

SÉRIE HABITAR DE PEDRO GOMES

UMA OBRA DE ARTE À HORA DO ALMOÇO

4 MARÇO, SEXTA, 13H15

CAM

VISITA | Gratuito

**CASA COMUM. OBRAS
NA COLEÇÃO DO CAM**
DOMINGOS COM ARTE
6 MARÇO, DOMINGO, 12H00
CAM
VISITAS | Gratuito

**A OBRA DE ARTE COMO LUGAR:
O CONCEITO DE ESPAÇO
NA ARTE CONTEMPORÂNEA**
12 E 13 MARÇO,
SÁBADO E DOMINGO, 10H00
CAM
Por: Ana João Romana, Sara Franqueira,
Susana Anágua
CURSO | €50

**À DESCOBERTA DA COLEÇÃO:
CONVERSAS À MESA DO CAFÉ**
DOMINGOS COM ARTE
13 MARÇO, DOMINGO, 12H00
CAM
VISITAS | Gratuito

EM TORNO DE MAHLER
14, 17, 22 E 23 MARÇO, SEGUNDA,
QUINTA, TERÇA E QUARTA, 18H30
CAM
Por: Paulo Ferreira de Castro
CURSO TEÓRICO | €40

para os mais novos

descobrir...

Programa Gulbenkian Educação para a Cultura

AS ARTES DA TERRA
5 FEVEREIRO, SÁBADO, 14H30
5 AOS 12 ANOS
Museu Calouste Gulbenkian
VISITA/OFICINA | €7,5

ESPELHO MEU, ESPELHO MEU...
6 FEVEREIRO, DOMINGO, 10H00 E 11H30
2 AOS 4 ANOS
CAM
OFICINA DE CONTOS FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

O QUE É UMA JÓIA?
12 FEVEREIRO, SÁBADO, 14H30
5 AOS 12 ANOS
Museu Calouste Gulbenkian
VISITA/OFICINA | €7,5

**PIAZZOLLA E VARÊSE
CONCERTO COMENTADO**
12 FEVEREIRO, SÁBADO, 16H00
+ 6 ANOS
Grande Auditório
FAMÍLIAS | €6

**DE CORPO INTEIRO
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**
12 FEVEREIRO, SÁBADO, 11H00
+ 6 ANOS
CAM
FAMÍLIAS | €15 [pais + criança]

EXPRESSÃO E MATÉRIA: A ESCULTURA
13 FEVEREIRO, DOMINGO, 10H30
12 AOS 15 ANOS
Museu Calouste Gulbenkian
VISITA/OFICINA | €7,5

**CABANAS E HABITÁCULOS -
A ARTE DE CONSTRUIR LUGARES**
13 FEVEREIRO, DOMINGO, 10H30
4 AOS 6 ANOS
CAM
OFICINA FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

**CABANAS E HABITÁCULOS -
A ARTE DE CONSTRUIR LUGARES**
13 FEVEREIRO, DOMINGO, 15H30
7 AOS 11 ANOS
CAM
OFICINA | €7,5

TEATRO DE FEIRA
19 FEVEREIRO, SÁBADO, 10H00
6 AOS 9 ANOS
Edifício Sede
OFICINA MUSICAL | €7,5

O MUNDO DE LA FONTAINE
19 FEVEREIRO, SÁBADO, 10H30
5 AOS 12 ANOS
Museu Calouste Gulbenkian
VISITA/OFICINA | €7,5

CASAS BEM ABRIGADAS
20 FEVEREIRO, DOMINGO, 10H00 E 11H30
2 AOS 4 ANOS
CAM
OFICINA DE CONTOS FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

ORNAMENTOS
20 FEVEREIRO, DOMINGO, 10H30
4 AOS 12 ANOS
Museu Calouste Gulbenkian
VISITA/OFICINA FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

IMAGENS DE FORMAS INVISÍVEIS
27 FEVEREIRO, DOMINGO, 10H30
4 AOS 6 ANOS
CAM
OFICINA FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

IMAGENS DE FORMAS INVISÍVEIS
27 FEVEREIRO, DOMINGO, 15H30
7 AOS 11 ANOS
CAM
OFICINA | €7,5

**PEER GYNT
DE EDUARD GRIEG
CONCERTO COMENTADO**
4 MARÇO, SEXTA, 19H00
5 MARÇO, SÁBADO, 16H00
+ 10 ANOS
Grande Auditório
FAMÍLIAS | €6

ESPELHO MEU, ESPELHO MEU...
6 MARÇO, DOMINGO, 10H00 E 11H30
2 AOS 4 ANOS
CAM
OFICINA DE CONTOS FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

**DENTRO E FORA: NESTE CORPO,
ALGUÉM MORA?**
ESPECIAL CARNAVAL
8 MARÇO, TERÇA, 10H00
4 AOS 6 ANOS
CAM
OFICINA | €7,5 [adulto + criança]

**DENTRO E FORA: NESTE CORPO,
ALGUÉM MORA?**
ESPECIAL CARNAVAL
8 MARÇO, TERÇA, 14H30
6 AOS 10 ANOS
CAM
OFICINA | €7,5 [adulto + criança]

**CABANAS E HABITÁCULOS -
A ARTE DE CONSTRUIR LUGARES**
13 MARÇO, DOMINGO, 10H30
4 AOS 6 ANOS
Museu Calouste Gulbenkian
OFICINA FAMÍLIAS | €7,5 [adulto + criança]

**CABANAS E HABITÁCULOS -
A ARTE DE CONSTRUIR LUGARES**
13 MARÇO, DOMINGO, 15H30
7 AOS 11 ANOS
CAM
OFICINA DESENHOS E CONSTRUÇÃO | €7,5

descobrir...

Programa Gulbenkian
Educação para a Cultura

Os bilhetes para as actividades podem ser adquiridos através da bilheteira online e não requerem marcação prévia, excepto onde assinalado.

INFORMAÇÕES E RESERVAS
Segunda a Sexta, das 15h00 às 17h00
Tel: 21 782 3800 | Fax: 21 782 3014
E-mail: descobrir@gulbenkian.pt
Compra online: www.descobrir.gulbenkian.pt
www.bilheteira.gulbenkian.pt

PRÉMIOS GULBENKIAN



CALOUSTE GULBENKIAN
INTERNATIONAL PRIZE



PRÉMIO GULBENKIAN
Arte



PRÉMIO GULBENKIAN
Beneficência



PRÉMIO GULBENKIAN
Ciência



PRÉMIO GULBENKIAN
Educação

CANDIDATURAS ATÉ 15 DE MARÇO

De forma a reafirmar a fidelidade ao desígnio do seu Fundador e contribuir para divulgar acções inovadoras e com real impacto nas várias áreas, a Fundação Calouste Gulbenkian atribui, anualmente, os **Prémios Gulbenkian**.

O **Prémio Internacional Calouste Gulbenkian** (100 mil euros) distinguirá, em 2011, uma personalidade ou instituição que tenha contribuído para a defesa dos direitos humanos, através do respeito pelo diálogo intercultural, inter-étnico ou inter-religioso. Os outros prémios, no valor de 50 mil euros cada, serão atribuídos a personalidades ou instituições que se distingam na **Arte**, na **Beneficência**, na **Ciência** (Ciências Básicas) e na **Educação**.

As candidaturas devem ser submetidas electronicamente ou enviadas para:

Secretaria do Conselho
Fundação Calouste Gulbenkian
Av. de Berna, 45 | 1067-001 Lisboa

Regulamento e formulários em:
www.gulbenkian.pt